

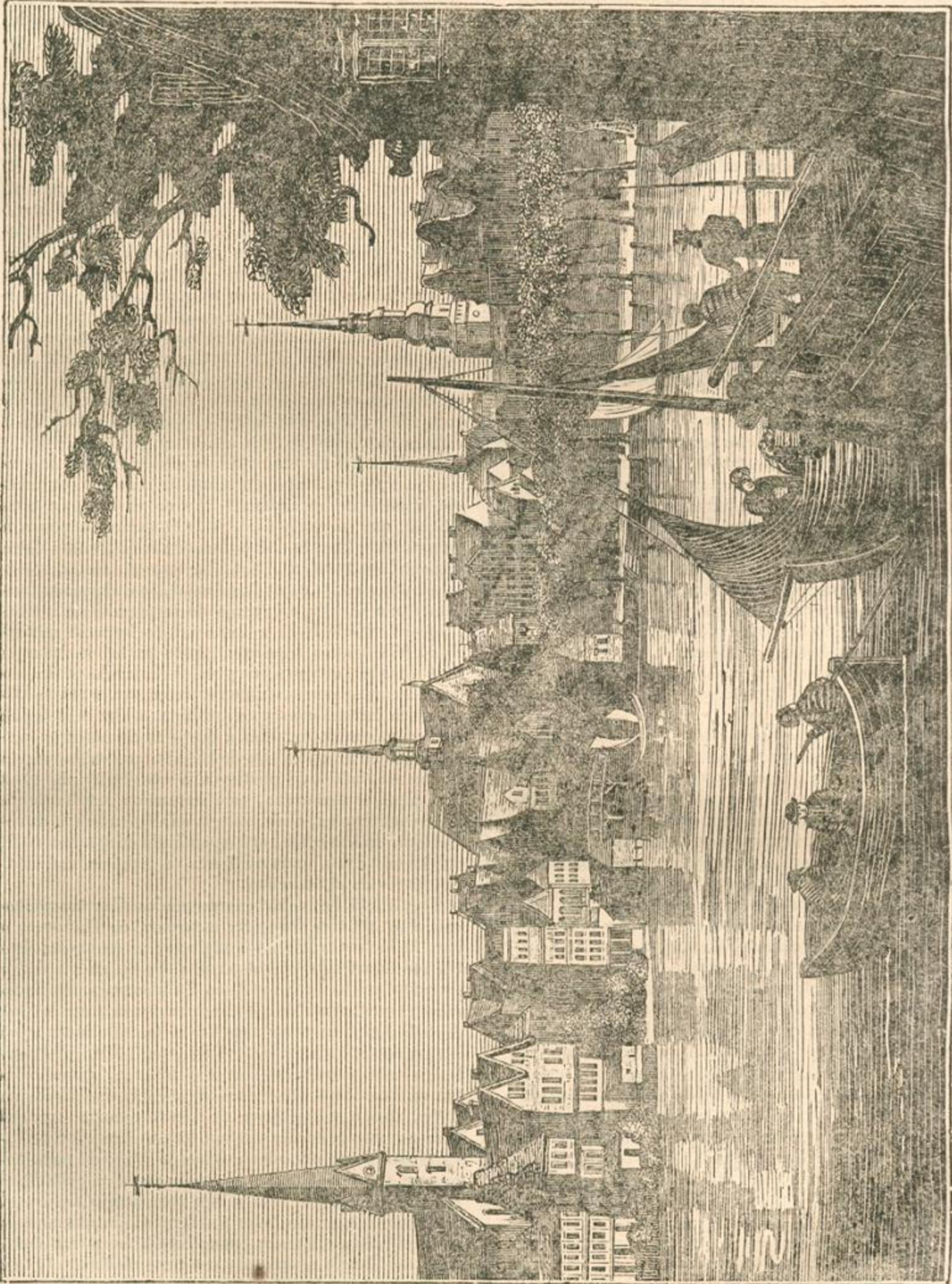
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

29. PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. NOVEMBRO 18, 1837.



VISTA DO PASSEIO DE HAMBURGO.

HAMBURGO.

ESTA cidade é a mais commercial de toda a Alemanha; e uma das quatro cidades livres admittidas, como estados independentes, á Confederação Germanica. As outras tres são Francfort-sobre-o-Meno, Lubeck, e Brême.

A situação d'Hamburgo é extremamente vantajosa, e a causa principal de sua importancia presente, como o foi de sua prosperidade em tempos anteriores. Está edificada sobre a margem septentrional, e direita do Elba, quasi a distancia de oitenta milhas do mar, exactamente no ponto em que cessa a navegação das embarcações grandes, e começa o uso de jangadas, ou barcos sem quilha. Em frente da cidade tem o rio obra de quatro milhas de largura, mas logo acima o repartem muitas ilhas em canaes estreitos, e intrincados, que não admittem a passagem dos navios. Dois riachos, o Alster, e o Bille, correm para o Elba atravez da cidade: o primeiro, muito mais consideravel, fórma na parte do norte uma especie de depozito, ou lago pequeno, cuja agua se distribue para fazer andar muitas moendas, para supprir numerosos chafarizes, e para encher os canaes, que cruzam a cidade, especialmente a baixa, e são em tanta quantidade, que tem umas noventa pontes.

A origem de Hamburgo sóbe ao principio do seculo nono, quando Carlos-Magno construiu uma fortaleza, e um templo nas alturas entre o Elba, e as margens orientaes do Alster: o seu intento era fundar uma estação, que podesse servir de baluarte contra as tribus esclavonias, estabelecidas nas costas do sul do Baltico. Apesar de varias vicissitudes, foi esta praça em pouco tempo uma paragem de muita affluencia de mercadores, e colonos. Em 833, Luiz *Le Debonnaire* [o bondoso], filho e successor de Carlos-Magno, a elevou á cathogoria de sé archiepiscopal. Em 845 os dinamarquezes a saquearam, e em parte destruíram; e apenas restaurada deste desastre soffreu igual flagello ás mãos dos esclavonios. Quasi cincoenta annos depois, o imperador Othão erigiu a Saxonia em ducado, e achando-se Hamburgo dentro do seu territorio, ficou a sua immediata soberania pertencendo ao imperio, e veio a ser um novo feudo daquelles duques, do poder dos quaes passou no seculo duodecimo para os condes de Holstein. Neste meio tempo, fez immensos progressos na industria e commercio, e já então começou a desenvolver principios de liberdade, e de isempção. No meiado do mesmo seculo doze, formaram-se corporações, ou bandeiras de officios, sob a protecção e impulso dos individuos reunidos de varios misteres, e occupações. No anno de 1152, achámos a *Companhia dos mercieiros, e mercadores de pannos* confirmada com a approvação do duque reinante, Henrique o Leão. As riquezas afluíram para os burguezes, ou cidadãos industriosos, e os habilitaram, conforme a practica commun da idade media, para extorquirem da penuria do soberano a concessão de muitos privilegios, e immunidades, que davam cada vez maior impulso á sua prosperidade crescente. Em 1189, quando Frederico 1.^o, apellido o Barbarôxa, foi á terceira cruzada á Terra Santa, o povo d'Hamburgo costeou todas as despesas do seu soberano, Adolpho 3.^o, para acompanhar o imperador naquella desastrosa expedição; e á volta obteve, em consequencia disto, a concessão de varios privilegios, que são importantes na historia desta cidade, como bases de sua subsequente liberdade; e cuja fruição lhe foi assegurada por duas chartas, ou diplomas distinctos; um assignado pelo conde, outro pelo imperador. O fim deste contracto foi firmar a independencia da cida-

de, a liberdade de seu commercio, e a isempção de diferentes impostos; entrando nas estipulações que nenhum forte se levantaria dentro de duas milhas ao redor da cidade; — que os burguezes commerciarão livremente no Elba, da cidade até o mar; — e que não seriam sujeitos a encargos alguns nas campanhas externas, ou internas, do soberano. Porém ao começar do seculo treze, de novo se achou a cidade involvida em guerras. Os dinamarquezes, seus inveterados inimigos, a tomaram tres vezes no espaço de quinze annos, e por fim a venderam a um certo conde, Albrecht de Orlamund, por 700 marcos de prata; porém o comprador, vendo o seu titulo disputado pela familia de Holstein, revendeu a cidade a seus proprios habitantes por 1500 marcos tambem de prata, e renunciou pela venda a seus direitos, e soberania. Começaram então os habitantes a governar-se por uma constituição de sua propria feitura; e a séde do arcebisnado foi transferida para Brême. Aconteceu, todavia, que o comprador Albrecht foi desbaratado pelo conde de Holstein: pelo que os hamburguezes foram obrigados a abrir suas portas ao victorioso Adolpho, o 4.^o do nome; porém seguraram cuidadosamente o pleno gozo de todos os seus privilegios; e póde-se julgar quão extensos eram estes, sabendo-se que até abrangiam a faculdade de concluir tractados com povos estrangeiros. Em 1238 a cidade fez alliança commercial com a nação que habitava o paiz comprehendido entre o Elba, e o Weser, e em 1241 entrou n'uma liga com Lubeck, que hoje se reputa a origem da celebrada liga anseatica.

Desde então foi em contínuo adiantamento a opulencia, e independencia d'Hamburgo; o seu commercio dilatou-se gradualmente; e os vinculos de obediencia aos condes d'Holstein relaxaram-se pouco a pouco. Finalmente estabelecendo-se alli uma feira imperial em 1368, a cidade abertamente recusou preito e homenagem ao senhor feudal, reconhecendo unicamente a directa soberania do imperador, e intitulado-se cidade livre e imperial do imperio germanico. Nos seculos seguintes tomou parte em todas as turbulações, que procederam, quer das discordias intestinas, quer das hostilidades externas: o rei de Dinamarca foi seu constante inimigo, e lhe occasionou muitas calamidades. Mas a despeito de todos os contratempos a prosperidade de Hamburgo continuou em augmento, até que pactuada a convenção de 1763 com aquelle monarcha, este renunciou inteiramente a suas pertençações, e reconheceu a independencia da republica. Desde então, até o principio do seculo actual, foi Hamburgo a mais opulenta, e próspera das cidades livres da Allemanha.

Mas ainda lhe estavam reservados dias tormentosos. Em 1803 os francezes entraram no Hanover, e logo fecharam o Elba aos inglezes; as esquadras destes em represalia bloquearam a foz do rio; e assim pozeram ponto ao commercio hamburguez. Os francezes compelliram os habitantes a pagar uma somma de 2,125,000 marcos: repetiram-se amiudadas vezes iguaes exacções, até que por fim, em 1810, foi Hamburgo incorporada no imperio francez, como capital do departamento recém-organizado das *Bocas do Elba*. No mez de Março de 1813, quando começaram os revezes de Napoleão, foram obrigados os invasores a despejar; mas no fim de Maio de novo tomaram posse da cidade, e os desgraçados moradores tiveram que pagar caro o seu temporario descanzo. Exhibiram uma contribuição forçada de quarenta e oito milhões de francos [pouco mais ou menos desonove milhões de cruzados]; e o general Davoust, que commandava, postergou todos os direitos da propriedade particular, nos esforços, que fez, para converter

a cidade em praça, e posição militar. Porém antes que elle a fortificasse estava a guerra concluída; e os francezes em Maio de 1814 saíram da cidade. As perdas, que esta experimentou desde Novembro de 1806 até o periodo do seu resgate, avaliam-se em perto de cento e doze milhões de cruzados; e a unica compensação, que obteve, foi um assignado sobre os fundos francezes, no valor de oitenta contos, na restauração dos Bourbons. De populosa que era, viu-se reduzida a 60:000 habitantes, mas de tal modo o seu vasto commercio lhe reparou perdas immensas, que actualmente lhe contam mais de 120:000 vizinhos. Quando os francezes saíram entraram os russos, e estiveram até o fim do anno: porém desde essa epocha tem sido unicamente regida pelo seu governo particular.

Hamburgo ainda hoje conserva evidentes signaes da sua antiguidade: as ruas são estreitas, tortas, e mal calçadas; as casas pequenas, altas, e mal construídas; e toda a cidade tem uma apparencia compacta, e contrahida, parecendo o que realmente é, muito pequena para a sua copiosa população. As casas estão como apinhadas, isto é, não ha praças, nem rocios, que interrompam os maciços dos edificios, e ainda que alguns pequenos largos tenham aquelle nome, em boa consciencia o não merecem: isto tira á cidade a salubridade, e belleza. A melhor cousa d'Hamburgo é o *Jungfrau Stieg*, ou como lhe chamam, passeio das senhoras, onde os moradores concorrem a tomar ar, e fazer exercicio. Mr. Hodgskin, escriptor moderno, assim o descreve. "D'um lado, em todo o comprimento, corre uma enfiada de bonitas casas, com uma larga calçada para carruagens, e logo o passeio plantado em quatro ordens de arvores; e do outro lado está o pequeno lago mui formoso, que é formado pelo Alster na parte septemptrional da cidade. Os caffès por alli são esplendidos, e á tarde parece que todo o povo d'Hamburgo afluê a este unico ponto. Uns passeiam, outros repousam assentados nos caffès, ou nas bancadas exteriores, outros se divertem em contemplar as aguas. E' bello este passeio em uma noite serena do verão, e quando a lua resplandece no firmamento, e allumia o lago. Em outras partes d'Allemanha ás dez horas se recolhe toda a gente: mas aqui ainda á meia noite o passeio está atulhado de concorrentes, e alguns se retiram ainda muito depois."

O MINHO NA SUA CULTURA.

2.º

Em um artigo anterior démos uma idéa geral do aspecto do solo desta nossa bella provincia; fallaremos agora dos costumes dos seus habitantes.

Em todas as terras do sertão o caracter do povo diversifica do dos habitantes dos logares maritimos, e só os une o sentimento religioso, toque moral que sobrepuja todos os outros affectos nesta gente, talvez a melhor de Portugal. Tambem o amor do trabalho seria um signal commum, se não houveramos de exceptuar os moradores da costa do mar, que pela maior parte pescadores, vivendo em extrema pobreza, costumados a lidar com a morte, parecem desprezar o trabalho contínuo, que gera os commodos e a abundância. Como a vida da caça, a vida da pesca nem um grau é acima da existencia selvagem, e o pescador conserva muitos habitos de antisociabilidade, e que desmentem as compassadas regras da civilisação. Hoje lucta o pescador com as vagas, com o vento e com o frio: na sua fragil barca, singra por entre cachopos, muitas vezes sem pão, sempre sem repouso:

porque para elle não existe a distincção da noite e do dia — do descanso e da fadiga — como existe para o agricultor, o artista e o pegureiro: ámanhã, porém, ve-lo-heis estendido ao sol á porta da cabana, descuidado do futuro, em quanto o lavrador ára a terra cujos fructos deve colher dahi a muitos mezes; em quanto o pastor guarda o gado que o vestirá dahi a um anno, e o artifice na sua officina se affadiga para satisfazer os caprichos e o luxo do rico, que nem apenas conhece, mas cujo ouro, atravez de muitos canaes, correrá até elle: nestes está estampado o symbolo da civilisação: no pescador lá se devisa, por entre alguns fragmentos das artes europeas, um homem mui semelhante ao filho do Amazonas, do Meschacébé, e do Ohio.

Mas deixando os areas que orlam a costa do mar, e atravessando os pinhaes que quasi sem descontinuação os cobrem, os valles e as montanhas do Minho se desdobram tapizados de verdura, e ricos da sua cultura immensa. As povoações se multiplicam; a mão do homem apparece em todos os cantos de terra capaz de produzir alguma cousa. As estradas bordadas de carvalhos, enredados em vides, d'onde pendem os cachos de uvas negras, se assemelham a longas ruas de quinta illimitada. Estas mesmas fieiras de arvores, enfeitadas de vides, e plantadas juncto a murinhos de pedra solta, que dividem os campos, fingem ao longe um bosque fechado, illusão nascida da grande divisão da propriedade, que torna mui proximas estas separações, estes marcos vegetaes, testemunhas perennes do direito de cada qual ao campo que lhe herdaram seus paes. Os arroios multiplicados cruzam estes campos cubertos, como dissemos, de milhos e linhares, sombreados pelas encostas de soutos de castanheiros, de carvalhos e de sobros, e coroados no cimo da montanha pelo pinhal solitario.

Quem foragido correu os campos estrangeiros e viu as immensas propriedades de um nobre inglez, cubertas de florestas, onde algum mez do anno, elle vae, cansado da embriaguez e do luxo quotidiano de Londres, alliviar o pézo da vida, correndo a cavallo atraz de um veado, por campos que cultivados produziriam bastas searas; quem tal viu, e vem do alto de uma eminencia do Minho, observar os seus valles, não pôde deixar de perguntar a si mesmo se é verdade que nós façamos vergonha á Europa, como alguém por esse mundo pertende; nem pôde deixar de sorrir-se lembrando-se de que em livros inglezes se lamenta repetidas vezes, o nosso atrazo e incuria, e a miseravel situação dos nossos agricultores.

Com effeito quantos lavradores inglezes estão longe de se poderem comparar com a maioria dos portuguezes! Pesados direitos dominicaes, os impostos para o estado, e a horrivel taxa dos pobres levam áquelles a melhor porção do fructo do seu suor. Entre nós, nem, geralmente fallando, são os direitos senhoriaes pesados, nem os impostos de vulto, nem existe a devoradora taxa dos pobres, peste necessaria em Inglaterra, escusada em Portugal. Compensam, na verdade, parte destas desvantagens em Inglaterra, a facilidade do transporte dos generos aos grandes mercados, cousa difficilissima em Portugal, e o apuro e perfeição da arte do cultivador, atrazada entre nós; posto que não tanto como pensam aquelles que julgam a agricultura practica da França e da Inglaterra pela agricultura theorica dos livros destas duas nações.

D'antes nesta bella provincia duas péas havia á industria do povo, uma absurda, outra nociva: ambas ellas se desfizeram diante do sopro vivificador da liberdade. Eram estas as coutadas o os dizimos, que ainda pesam sobre os inglezes assentados ha tantos se-

culos á sombra da arca sancta das intuições livres. Muito poderíamos dizer sobre os dizimos; mas véda-o o instituto do nosso jornal: quanto ás coutadas era este um resto dos absurdos feudaes. A caça e a pesca era prohibida ao povo dentro de grandes porções de territorio, e os rios e espessuras da maior parte do Minho apenas serviam para abastecer as mesas dos poderosos ou dos monges. A caça e a pesca, meios de sustentação para o homem antes da existencia das sociedades; livre para todos, como o ar do espaço, como a agua das fontes, como o calor do sol, era tolhida por um direito que nenhuma sanção tinha na natureza, nem nos interesses sociaes. Essa ridicula instituição desapareceu ha quatro annos do meio de nós barbaros: quando desaparecerá na civilisada Inglaterra?

O solo do Minho é em geral fraco: para o que talvez contribue a demasiada humidade; mas o incansavel desvello dos habitantes o torna fertilissimo: os lavradores das provincias do sul repousam grande parte do anno: no Minho, nunca. As searas de milho exigem mais trabalho que outras quaesquer, sobre tudo nas terras de regadio, circumstancia que ahí vulgarmente se dá: a sylvicultura pede tambem cuidados, e o preparo dos adubos vegetaes, que são quasi os unicos que ha no Minho, demandam todos os annos muitos dias de trabalho. A criação dos gados é tambem neste paiz um importante ramo das occupações campestres.

Os habitantes do Minho não são ricos, geralmente fallando; mas teem o necessario para a vida com abundancia. Não os louvaremos por sobrios e soffredores, porque estas duas virtudes são essencialmente portuguezas: mas no que realmente não teem iguaes é na hospitalidade. Chegando á porta de qualquer lavrador a pedir um pucaro de agua, elle vos offerecerá o seu pão e o seu vinho; guarida, se fôr ao cair da noite. — Grandemente religioso, este bom povo sente que o espirito do christianismo se encerra todo na caridade.

Os naturaes do Minho teem ainda a intelligencia muito pouco cultivada: d'ahí nasce a superstição de que os accusam; e a pouca tendencia do povo para abraçar as reformas politicas: ensinai-os, porém, a lêr; instrui-os, e elles serão os melhoras cidadãos de todo o reino.

O clero, como o das outras provincias, é tambem pouco instruido; mas, faltando entre nós um systema de ensino ecclesiastico, ainda é de admirar o encontrar por essas parochias das aldêas d'Entre-Douro e Minho, sacerdotes que o catholicismo não se envergonharia de comparar em virtude e saber aos pastores protestantes.

A nobresa conserva ainda o orgulho dos antigos tempos, no meio da sua decadencia. A fidalguia do norte do reino tem-se em conta da mais antiga, e de mais puro sangue: talvez a das provincias do sul lhe podesse contestar esta primazia; mas o que de certo ninguem lhe negará é a superioridade da nobreza de animo, a unica que aos olhos da saã razão póde distinguir as diversas condições.

Resta-nos fallar das mulheres do Minho: abrigo e confôrto do homem em toda a parte, a mulher o é aqui mais do que em nenhuma outra. Nos campos principalmente, é companheira do agricultor nos seus rudes trabalhos, e sobre ella repousa, além disso, todo o arranjo domestico. Os seus costumes ainda conservam a severidade dos tempos antigos, e esta primitiva singellessa e virtude existe ainda nas mesmas classes superiores, e até nas cidades. Commummente as feições das mulheres do Minho são regulares e formosas, mas, pela maior parte, nas classes laboriosas, aca-

brunhadas pela asperesa da vida, perdem brevemente os encantos da mocidade.

Em um subseguente artigo diremos alguma cousa sobre as grandes povoações do Minho, sobre a sua industria, e sobre o caracter dos seus habitantes.

GAZETAS.

1.º

GAZETAS DOS ROMANOS.

O nosso intento no presente artigo é dar uma leve noticia da origem e progressos das publicações periodicas destinadas a generalisar o conhecimento dos acontecimentos publicos.

A instituição de semelhantes escriptos data de remotissimos tempos, posto que não seguise sem interrupção até os nossos dias. Os *Acta Diurna*, ou *Actos Diarios* dos romanos, serviam quasi para o mesmo que servem os modernos jornaes politicos. Este documento era publicado em Roma diariamente [como se colhe do seu nome] tanto durante a republica, como durante o imperio, e sabemos, de certas allusões feitas por Seneca e por outros escriptores da antiguidade, que os *Acta Diurna* continham o resumo das causas que corriam nos tribunaes civis, e das actas das assembleas nacionaes; a noticia do estado das obras publicas; a relação das varias penas cominadas aos criminosos, a lista dos nascimentos, cazamentos e obitos &c. Consta-nos que um genero de noticias, em que principalmente abundavam, eram as que versavam sobre demandas de divorcio; tão communs eram estas entre os romanos. Ahí se encontrava tambem a relação dos terremotos, diluvios e temporaes, que ainda hoje não passam por alto aos periodistas. Como hoje, os negociantes, e os que proviam a cidade de bastimentos, faziam inserir no diario novas falsas para seus fins particulares. Havia certos escudrinhadores que indagavam tudo o que se passava, e que forneciam os elementos para a redacção dos *Actos Diarios*: a estes homens se dava o nome de *Actuarii*.

Pelo que sabemos da historia antiga vemos que na republica romana, apesar da sua tão gabada liberdade e egualdade, o senado frequentes vezes procurava exercer uma auctoridade tão arbitraria como a do mais ferrenho despota. Parecia-se aquelle senado, no seu procedimento, com todos os corpos arbitrarios, e não consentia que aos seus actos se desse publicidade: por tanto era prohibido fallar nos *Acta Diurna* acerca das suas discussões ou deliberações, até que Julio Cesar [segundo nos refere Suetonio na vida deste célebre capitão] depois de ter obtido a primeira vez o consulado, concedeu por um decreto o dar-se aos actos do senado a mesma publicidade que se dava aos das assembleas mais populares do que era aquella. No tempo de Augusto, porém, o governo tinha outra vez tomado um caracter tão despotico, que uma instituição desta natureza foi julgada impropria, e por tanto prohibida. Entretanto a utilidade deste memorial quotidiano, se limitou ainda mais com a extincção das assembleas populares, e com as leis sanguinarias promulgadas contra os *libellos*; sob o qual titulo provavelmente classificavam a publicação de qualquer circumstancia desagradavel aos homens do poder. Para ainda mais restringirem a liberdade da *penna*, no reinado de que vamos fallando, se decretou pena de morte contra todos os auctores de escriptos satyricos; e os subseguentes tyrannos muitas vezes se aproveitaram desta lei sanguisedenta para exercerem vinganças contra aquelles, que ou aborreciam ou temiam.

Dissemos que as gazetas romanas continham meramente um extracto dos acontecimentos publicos: — e na verdade devia ser um extracto muito descarnado, na falta da arte typographica, e com os imperfeitos materiaes que então havia para se escrever; mas parece que a escriptura abbreviada, ou uma especie de tachygraphia, por cujo meio se podia conservar verbalmente um discurso ou debate, não era desconhecida dos romanos [*], porque escreventes desta especie foram empregados por Cicero em copiarem o discurso de Catão, no célebre debate que houve no senado, acerca do castigo que deviam receber aquelles que se tinham involvido na conspiração de Catilina.

Comtudo, apesar de quaesquer meios que houvesse para se redigir bem o jornal romano, o seu uso devia ser necessariamente limitado em extremo, e a sua composição muito defeituosa. O mais que faziam para lhe dar publicidade consistia em pregar copias desta gazeta *escripta* em dois dos logares mais publicos da cidade imperial, ficando entretanto desconhecidos, como se nunca fossem publicados, os actos do governo, para as outras cidades e provincias deste vasto imperio. Ajuncte-se a isto o ser esta a folha do governo, e o ser sempre dirigida por este, e ver-se-ha quanto o seu uso seria limitado, e de pouca monta a sua reputação, como órgão das noticias politicas: apesar disto tudo, a alguns respeito os *Actos Diarios* dos romanos faziam as vezes dos jornaes politicos modernos, e entre elles e estes havia alguns pontos de semelhança.

OS PARSIOS, OU GUEBROS, ADORADORES DO FOGO.

Os habitos, e usos dos guebros, são tão provenientes das suas opiniões particulares, que para bem se comprehenderem, é necessario primeiro explicar as bases do seu systema religioso, — systema, que depois de ter por mui dilatados tempos prevalecido no imperio Persa, durante o periodo da sua prosperidade e grandeza, é ao presente unicamente professado por uma seita d'idolatrás, limitada em numero; e que, á maneira dos armenios e judeus, é um povo disperso, que sendo opprimido em seu proprio paiz, se encontra mais geralmente em terras estranhas.

Florece na Persia na epocha remota de sua luzida existencia politica um systema de religião, a que chamavam dos magos, e que ensinava que haviam dois grandes principios coevos, isto é, dois entes, um supremo de todo o bem, e o outro de todo o mal. Esta crença reputava a luz como o symbolo da presença do bom principio, e por isso tributava ao Sol culto religioso, como ao manancial de luz mais perfeito: e os magos punham todo o cuidado em explicar que não adoravam o Sol, como idolatrás, mas sim ao principio do bem, que nos beneficos effeitos do astro da luz se revelava. Nos tempos primitivos os persas não tinham templos, e practicavam as cerimoniaes do culto sobre as montanhas, porque [diziam] os edificios excluem em todo ou em parte os brilhantes raios do Sol. De fórma que esta religião era em certo modo na sua origem bastante espirituallista.

Com o andar dos tempos se corromperam tão simples doutrinas, ou quasi inteiramente se perderam, até que Zoroastro, que os persas chamam Zerdhust, appareceu, segundo provavelmente se julga, no reinado de Dario Hydaspe, e a final conseguiu restabelecer a crença antiga com modificações, e melhoramentos. Não alterou a doutrina dos dois principios,

[*] Quando fallarmos das — Notas Tirozianas — diremos o que ha nesta materia.

mas ensinou a preeminencia de um Ente Supremo, que intitularam "Mesdan".

Zoroastro não supprimiu a adoração do Sol, mas parece que o foi primeiro intruductor de culto do fogo, porque os crentes, quando o Sol estava posto, não podiam estar sem o symbolo da divina presença. Para este intento forneceu lume, que disse obtivera do Ceu, e com o qual se accenderam outros em todos os logares dos magos. Esta novidade trouxe consigo a erecção de templos para manter o fogo sagrado. Os guebros affirmam que o lume ainda hoje ateado em seus templos foi propagado do primeiro, que Zoroastro accendêra, e que ainda não se perdêra, tendo sido por infinitos milagres preservado de se apagar.

Os templos do fogo eram reverenciados com grande zêlo, e respeito. Entretinham-no com páus especialmente designados como puros, e despidos de cortiça; e nunca o assopravam, quer com folles, quer com a boca. Os magos não se chegavam ao fogo sagrado sem taparem as bocas, temendo profana-lo com o bafo; e era um crime de morte arremegar-lhe qualquer coisa impura, que o polluisse.

Além desta veneração para com o fogo, professavam tambem certo respeito aos outros elementos, que evitavam manchar com muito cuidado. Daqui provinha o costume peculiar de collocar os seus defuntos: porque imaginavam que o fogo, queimando-os, se profanaria, ou a terra, se os sepultassem, ou a agua, se os submergissem: por isso os expunham ao ar em os eirados de certas torres, ou em plataformas, até que os reduzissem a esqueletos as aves de rapina, e o natural progresso da decomposição: então recolhiam os ossos em urnas, e as depositavam em cavernas, ou em vastos montões de terra. Tiravam suas inducções acerca do destino do falecido na vida futura, conforme a parte do corpo que as aves encetavam.

Estas opiniões, e practicas, continuaram e prevaleceram na Persia até a conquista daquelle paiz pelos arabes, que foram particularmente incitados por um odio violento contra os adoradores do fogo. O termo gauro, [*infiel*] ou guebro, é em geral applicado a todos os que não são musulmanos, na Turquia, e paizes mahometanos; mas na Persia, empregado simplesmente designa sempre o parsio, ou guebro, como se fosse um nome proprio. Quando os arabes subjugarão o paiz, o grosso da nação provavelmente abraçou a fé dos conquistadores, e quasi todo o resto foi obrigado pelas perseguições a emigrar. O pequeno numero, que ainda se encontra naquella região, mora principalmente na grande, e commerciaal cidade de Yezdi, na provincia esteril e arenosa de Kerman, onde lhe permittiram erigir um templo, e alli conservam o lume sagrado, que dizem ser o primitivo de Zoroastro, e tambem lhe concederam magistrado proprio. Mas em cambio destes privilegios lhes extorquem pesados tributos. Os guebros em geral são muito mal vistos pela actual raça dos persas, que os tratam com altissimo desprezo, e aversão, e que não hesitam em propagar absurdissimas, e horriveis historias acerca desta gente, na realidade pacifica, e innocente, accusando-a de comer creanças, e outras enormidades.

Porém a maior porção desta nação proscripta, em numero talvez de 120:000 familias, reside no territorio do governo inglez de Bombaim, onde só na povoação da capital contam mais de 6:000. Em toda a India não tem os inglezes mais uteis, opulentos, e bem procedidos subditos que estes; nem ha classe alguma de naturaes do paiz que mais intimamente se ligue com a nação britannica. Os habitos desta gente não oppoem barreiras, que obstruam o livre com-

mercio, como os indios, e mahometanos. Elles não tem castas — comem de todas as iguarias — bebem vinho — e só tem uma mulher. As familias ricas teem adoptado muito o modo de viver inglez, e os filhos aprendem a lingua ingleza. Quasi todas as casas de commercio europeas em Bombaim teem um socio parsio, porque elles constituem uma parte principal na cidade. A maior porção da ilha de Bombaim pertence aos parsios. São excessivamente liberaes em suas esmolas, soccorrendo indifferente os pobres, e aflictos de todas as tribus, e mantendo os da sua tão amplamente que não se conhece um mendigo guebro. Os mais opulentos são negociantes, proprietarios de navios, ou rendeiros de dilatadas terras: e a jerarchia mais humilde consta de cultivadores, tendeiros, tecelões, e officiaes de outras artes mechanicas, que não dependem do emprego do fogo: em consequencia dos seus escrúpulos a este respeito não são ourives, nem obreiros em metaes, e menos ainda militam, porque por seus principios abominam o uso das armas de fogo. Como á imitação de seus antepassados aborrecem as viagens por mar, por isso não querem ser marinheiros; o que sem dúvida tambem procede das suas idéas; mas é singular que os modernos persas mahometanos participam desta mesma preocupação; e em verdade conservam mais vestígios de sua antiga religião do que elles mesmos presumem. Poderemos citar como exemplos a imagem do Sol no cunho de varias moedas persas; e uma festa inda hoje observada, que foi originariamente instituida em honra do mesmo astro.

A condição presente dos parsios, ou guebros, na India, mostra ter consideravelmente melhorado sob a protecção britannica, porque ainda não ha um seculo os viajantes os representavam no mais ínfimo estado de abatimento, e opprobrio.

A raça dos parsios divide-se em clero, e seculares. O clero, e seus descendentes são numerosos, e distinguem-se dos leigos em traserem um turbante branco, mas seguem as mesmas profissões, excepto os poucos, que são destinados ao serviço de seus templos. Estes são despidos de ornatos, e de apparato; estão nelles os sacerdotes sempre, mas o total do povo só em dias assignalados os frequenta. Todos elles adoptaram o trajo, e muitas maneiras dos indiatricos, e e o idioma do Guzarate; poucos se dão ao estudo da linguagem do seu paiz primitivo, e ao da historia da sua raça.

Os modernos parsios conservam ainda muitas practicas, e opiniões dos antigos magos. Em Bombaim, de manhã, e á tarde, se apinham nas esplanadas para saudarem o Sol em seu nascimento, e occaso. Observam quasi o antigo uso da collocção dos defuntos: expõem os corpos n'uma plataforma de pedra, cercada de muros altos, onde em breve os consomem as aves de rapina. Ajunctam os ossos n'uma especie de cisterna no centro do terrado, que tem entrada por uma passagem subterranea para o removimento das ossadas de tempos a tempos. Não consentem aos estrangeiros testemunhar as exequias, nem examinar aquelles terrados, dos quaes ha cinco na ilha de Bombaim, mas nem todos em serviço effectivo. As familias abastadas tem seus jazigos particulares, mas todos de igual construcção. N'alguns destes ultimos ha por cima engradamentos de ferro, que vedam o ingresso das aves, decompondo-se os cadaveres só pela acção dos elementos, e a natural dissolução.

O livro sagrado dos parsios, ou guebros, chama-se Zendavesta, e attribue-se a Zoroastro. Em muitos particulares coincide notavelmente com as Escripturas hebraicas, de fórma que muitos julgam que o auctor obtivera conhecimento da religião judaica, tal-

vez do propheta Daniel, ou de outro qualquer judeu captivo em Babylonia, ou em Suza. Os parsios da India nestes ultimos tempos patentearam consideravel empenho em adquirirem informações concernentes ás practicas, e noções religiosas de seus antepassados; a fim de os obter, colligindo livros, tradições, e outros documentos, mandaram á Persia, por vezes, pessoas intelligentes. Por este meio alcançaram, alguns annos ha, uma cópia do "Desatir", que foi impressa, junctamente com uma versão ingleza, em Bombaim, sob a protecção britannica. Este livro é summamente interessante; e apezar da remota antiguidade, que lhe attribuem, encerra em seu contexto evidentes próvas de ter sido escripto muito posteriormente á conquista da Persia pelos arabes.



A DEDALEIRA, OU DIGITAL.

[*Digitalis purpurea*. LIN.]

ESTA planta venenosa, que lança um talo medíocre, guarnecido de flores purpureas do feitio de um dedal, e pendentes todas a um lado, não deixa de ter sua elegancia neste estado de florescencia. A sua raiz é biennial, isto é, fenece sempre ao fim de dois annos. E' indigena do nosso reino, e a temos encontrado em sitios tão altos, como a entrada para o convento da Pena, na serra de Cintra.

Tem sido remedio acreditado em varias enfermidades, mas igualmente famoso pelos funestos acciden-

tes, que já tem resultado da sua incauta applicação. Parece que em geral é mais perigosa para as pessoas de forte compleição do que para as mais delicadas. Ministra-se mais commumente em tintura, e possui a singular propriedade de applanar os movimentos desordenados do pulso, o que em muitos casos é absolutamente necessario para a salvação do doente, mas a sua acção é tão irregular, que exige a mais constante vigilancia e desvelo da parte do facultativo assistente.

Os effeitos deleterios deste vegetal não se limitam á especie humana. Mr. Sakerne, medico em Orleans, ouviu dizer que tinham morrido alguns perús pequenos por comerem por engano as folhas da Dedaleira: para experimentar, deu algumas a um grande e robusto perú. A ave sentiu logo o effeito, e não se podia ter nas pernas, como entontecida: todavia o bom alimento a restabeleceu em poucos dias. Repetiu-se a experiencia dando a outro perú só daquellas folhas quatro dias successivos; ao fim destes já lhes não queria tocar, e, apesar de todo o tratamento, finou-se d'ahi a oito dias. Sendo aberto, acharam-se-lhe os bofes, o coração, o figado, e a bolsa do fel, todos encarquilhados, e completamente ressequidos.

Esta planta, quando machucada, deita um cheiro ruim, nauseativo, e virulento. Para colher as folhas destinadas a usos pharmaceuticos, recommenda-se que seja em dia quente e secco, e na sasão em que as pétalas [*] caem, e quando o tegumento, ou cobertura exterior das sementes vai engrossando. As folhas recém-apanhadas se devem secar com a possível promptidão, e nunca ao sol.

Um distincto medico da capital [segundo nossa reminiscencia, o Sr. Dr. Elias] publicou não ha muito tempo sobre a Dedaleira uma memoria, que não tivemos oportunidade de ver.

NAUFRAGIO DO BERGANTIM STERLING CASTLE.

Aos 16 de Maio de 1835 partiu de Sydney o bergantim Sterling Castle com destino para Singapura. Compunha-se a sua tripulação de 18 homens e 2 rapazes, e ia tambem abordo *mistress* Eliza Ann Frazer, mulher do capitão, a qual se achava no ultimo periodo da gravidez. No dia 23, ao approximarem-se do estreito de Torres, impellido o navio pelo vento que soprava rijissimo, e não podendo vencer a força da corrente de cabo Eliza, tocou ás 9 horas da noite n'um banco de coral, que a densa escuridade da noite não permittiu evitar. Os dois homens que estavam ao leme morreram nesta occasião, e a popa e os mantimentos foram ao mar.

Asserenada a tempestade, procurou a companhia cortar os mastros, e conseguiu assim endireitar a embarcação, porém sem fructo, attenta a avaria que soffrêra; resolveram por tanto abandoná-la, e sabendo acharem-se ao norte da bahia de Moreton, que faz parte d'uma possessão ingleza, determinaram demandá-la o mais depressa possível. Feitos para isso os necessarios preparativos com a incansavel diligencia e industria de homens a quem tanto o perigo urgia, confiaram-se n'um domingo pelas 4 horas da tarde á mercê das vagas, embarcando na lancha pequena o carpinteiro, o cosinheiro e o seu ajudante, J. Frazer, sobrinho do capitão, e tres marinheiros mais, e na grande o capitão, sua mulher, o piloto, e os dois moços, com o resto da maruja.

Quatro dias depois de se haverem entregado á di-

vina providencia, deu *mistress* Frazer á luz um menino, não obstante estar mettida n'agua até a cintura, ao qual, como poucos momentos depois morreu afogado, amortalhou o piloto na propria camisa, que tirou do corpo, e deu sepultura no Oceano.

Não podia a pobre mãe comprehender o porque com tão extraordinario valor supportava esta calamidade, que accrescia ás outras a que se via exposta. Felizmente, tinha estado algum tempo insensivel, e só depois de haver sido a creança engulida pelas ondas, soube que dera a vida a um ente, que tão rapidamente lhe fora arrebatado para a eternidade.

Depois de terem muito tempo trabalhado em vão por ganharem a bahia de Moreton, luctando todo esse tempo com os rigores da fome e da sede, mais cruel ainda, chegaram a um cabo, onde amarraram os bates, e foram em busca d'ostras e d'agua; porém baldou-lhes as esperanças uma borrasca, que sobreveio, e os obrigou a largar da costa. Maravilharam-se no dia seguinte os da lancha grande de não enxergarem a outra, e suppozeram perdidos para sempre os seus companheiros de infortunio, pois não os julgavam capazes de seguir outro rumo sem o capitão ou o piloto para os guiar. A intenção d'aquelle era chegar á bahia de Moreton; porém vendo que os ventos e as correntes lhe eram adversos, e os seus companheiros reduzidos á ultima extremidade, e deitados de costas para receberem na boca o orvalho, decidiu aportar á primeira terra. Mas quão penosa erá a escolha da terra para quem, como elle, sabia serem todas aquellas praias frequentadas por selvagens intractaveis! Deram por tanto a popa ao vento, dispostos a receberem a morte de qualquer modo que se lhes apresentasse; pois tão trabalhados estavam da fadiga e soffrimentos, que pouco lhes importava já o morrerem ás mãos dos barbaros ou tragados pelas ondas; mas em fim avistaram terra, e pouco depois encalhou a lancha n'uma praia chamada Bahia-larga, cem milhas ao norte da bahia de Moreton, que é a capital dos estabelecimentos inglezes, para onde os criminosos desta nação vão degradados acabar o resto dos dias em continuos trabalhos.

Logo que se avizinham á praia viram algumas selvagens nuas, que vinham dando mostras do contentamento que lhes causava a presa, que se lhes offerecia: os selvagens rodearam o batel, e tendo arrastado os infelizes até o meio das arvores, entraram a arrancar-lhes os vestidos até os deixarem nus em pello. John Baxter, segundo piloto, tendo já entregado todo o seu fato com as mais benevolas maneiras, quiz esconder uma camisa marcada com os cabellos de sua tia, mas vendo isto um selvagem, enfurecido o matou ás pancadas, em quanto os outros faziam em mil pedaços os chronometros, relógios, &c., com cujos fragmentos enfeitavam o nariz e as orelhas. Quando acabaram de repartir os despojos, atiraram aos tristes naufragantes, para lhes saciar a fome, com as cabeças e entranhas dos peixes, que pouco antes lhes haviam servido de pasto, e ao cabo de dois dias de demora, embrenharam os seus prisioneiros nos matos, para serem, como depois foram, entregues a outras tribus, sob o dominio das quaes maiores padecimentos os aguardavam. Mr. Frazer temendo ainda peiores tractamentos desta mudança de senhores, offereceu-se para servir os primeiros, e os demais brancos foram conduzidos para o sertão, até que appareceram novas tribus, que os levaram presos, e os obrigaram a acarretar troncos d'arvores por caminhos quasi intransitaveis.

Mistress Eliza era a unica mulher branca que alli se achava: não a captivaram, antes foi deixada atraz como objecto inutil; seu marido porém lhe recom-

[*] Pet. las são as peças da corolla; isto e as que vulgarmente chamam, folhas da flor. Corolla é a parte da flor de ordinario corada; segundo a linguagem trivial, a propria flor.

mendou que se conservasse onde ficava, prometendo-lhe buscar meios de a ver dentro de poucas horas. N'aquella noite deitou-se na praia, e na manhã seguinte, tendo examinado tudo á roda de si, e não descobrindo uma só creatura humana, resolveu seguir as pisadas impressas na areia, porém depois de correr um pedaço encontrou-se com uma chusma de negras pertencentes á tribu que no dia anterior tão cruelmente os maltractára, as quaes a obrigaram logo a fazer lenha, e a accender lume; e por que no estado de completa nudez a alvura da sua pelle formava um contraste excitador da inveja das negras, constrangeram-na a esfregar o corpo com certa gomma e hervas, que a pozeram quasi tão escura como ellas, e tendo-a apalpado toda arrancaram-lhe os cabellos, e lhe cobriram tambem com uma especie de gomma a cabeça, que ornaram com pennas de papagaio e outros passaros. Uma das negras, que tinha duas creanças, lhe entregou uma para que a amamentasse; e não obstante as tarefas fadigasas que lhe davam, se por acaso o negrinho chorava, era mistress Eliza espancada barbaramente.

Passados quatro dias viu mistress Frazer pela primeira vez o seu esposo, que vinha puxando um enorme tronco, e estava summamente abatido: perguntou-lhe ella por que motivo não a viera ver mais cedo, e quando elle lhe começava a responder, que não se aventurára a tanto por causa da ferocidade do selvagem seu senhor, apparece o cafre repentinamente, e colhendo-os a fallar junctos, avança para elle, e vara-lhe o peito com uma flecha. — Expirou, — e a misera esposa arroja-se sobre o corpo inanimado, e exclama: “Meu Deus, eu já não posso supportar tantas desgraças!”

Tira-lhe a setta, e ao ve-lo morto cai sem sentidos.

Quando tornou a si achou-se no meio da tribu que a escravisára, ignorando o que tinham feito ao corpo de Mr. Frazer.

Logo em seguimento desta catastrophe aconteceu outra: informado o piloto do desastroso fim do capitão, concebeu o desesperado projecto de vingá-lo, mas havendo os barbaros descoberto o seu designio, deram-lhe um castigo horroroso. Mistress Frazer accendeu por ordem dos negros uma fogueira em que foram mettidas as pernas do desditoso mancebo, o qual com as contorsões que fazia abriu na areia a cova, que recebeu depois as suas entranhas.

Com o intervallo de dois dias deste successo tragico foi assassinado um lindo moço, por nome James Mayor: estava trabalhando quando chegando-se a elle um selvagem, sorriu-se, e o deitou morto no chão; por que parece ser costume d'aquella gente o mostrar rosto alegre ás victimas, quando premeditam taes assassínios. Outros dois cafres lhe deceparam a cabeça com umas conchas, e tendo comido parte do tronco, a levaram para servir de ornato na proa da canoa do chefe, como o capitão Frazer, conhecedor dos costumes e indole dos selvagens d'aquellas costas, tinha prophetisado ao malfadado Mayor que lhe aconteceria um dia.

O resto da equipagem esperava por conseguinte ser trucidado.

Dois marinheiros chamados Doyle, e Big-Ben tentaram furtar uma canoa e atravessar um lago, porém morreram afogados.

Havia entre a tripulação um preto por nome José, despenseiro do navio: tinham-lhe os selvagens tambem roubado o fato quando chegára á Bahia-larga, mas em attenção á côr nenhum castigo lhe deram, e permittiram-lhe andar solto por onde lhe approuvesse, o que não era concedido aos outros. Este homem, que nunca deixou de procurar evadir-se, asseverou a

mistress Eliza que a poder fugir sería ella a primeira pessoa que salvaria, e tendo a final conseguido furtar uma canoa chegou a Moreton com seis semanas de viagem, e noticiou ao commandante do presidio todo o acontecido.

Concluida a terrivel narração perguntou o commandante se alguem do presidio queria acompanhá-lo para salvar os seus desventurados compatriotas: — todos se offereceram, — e um degradado costumado ao tracto dos selvagens deu traça para serem salvos todos os naufragantes que ainda existiam, aos quaes a gente do presidio fez o mais cordial acolhimento.

Mistress Frazer, gratuitamente conduzida para a sua patria pelo capitão do paquete Mediterranean, fez em 8 d'Agosto deste anno uma declaração legal das particularidades do seu naufragio, e o lord Mayor lhe alcançou uma avultada subscrição para, conforme os seus desejos, ir ajunctar-se com dois filhos que tem n'um collegio na ilha de Wight.

FABRICO DO PAPEL DE CARPO.

Um grande numero de substancias se ensaiaram já para o fabrico do papel, e apezar disto só um pequeno numero dellas se teem empregado neste mister. Rozet apresentou papeis feitos com o entrecasco do carpo, [especie do bordo] do freixo, do alamo &c., assim como cartões fabricados com as mesmas materias primas. As receitas de Rozet são simples e economicas: consistem em a maceração em agua de cal, ou em dissoluções alcalinas, depois em um pizo ou moedura perfeita, e finalmente em um branqueamento, tantas vezes repetido quantas forem necessarias.

CHAPELARIA APERFEIÇOADA.

Foi demonstrado que o sulfato de ferro, [capa-roza] é preferivel ao acetato para obter uma bella côr negra. Pelles de castor e de lebre em bruto foram tintas com elle, e o preparo e a pressão não alteraram a côr. Depois da preparação do feltro nada mais resta do que o dar-lhe o lustre por meio de um segundo banho fraco de tinctura. O auctor deste aperfeiçoamento teve idéa de dar nos feltros uma tinta de azul e de vermelho com ruiva e anil, antes de os submeter ás operações ordinarias da tinctura. Esta receita já é usada nos pannos de um preto fixo. Finalmente o uso do sulfato de ferro, do acetato de cobre, e do campeche torna inutil a gomma e a supre, fazendo como um oleado interior que torna os chapéus impenetraveis.

Origem da palavra pagão. — Os povos dos campos persistiram ainda muito tempo depois do Imperador Theodosio no seu antigo culto do gentilismo; e por isso aos sectarios da antiga religião deram o nome de *pagaões*, *pagani*, do nome das villas pequenas, chamadas *pagi*, onde deixaram subsistir a idolatria até o seculo VIII; de sorte que o nome de *pagão* não significa senão compenez, aldeião. &c. — *Voltaire.* —

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.